

O RABUGENTO

PERIODICO LITTERARIO, CRITICO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE TODOS OS DOMINGOS

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

POR UM ANNO. . . . 10\$000 — POR SEIS MEZES . . . 5\$500 — POR TRES MEZES. . . 3\$000

TYPOS.

O VENDEDOR DE ESCRAVOS.

III.

O Brasil é um paiz novo, e de grandes esperanças. Dotado magnificamente pela natureza, possui em seu solo virgem, todos os elementos de grandeza e prosperidade.

Tem caminhado muito em pouco tempo, mas está ainda muito distante da meta a que poderia ter chegado.

Colhido de sobresalto por uma emancipação para que não estava convenientemente preparado, teve de lutar sem descanso contra as idéas estacionarias do passado, e conquistar palmo a palmo o terreno em que plantou a arvore do progresso, que por mais de uma vez tem sido quasi suffocada pelos espinhos da rotina e ignorancia.

O principal motor da civilisação de um povo, é a instrucção. Não a instrucção superior que muito poucos alcançam; mas a instrucção elemental, diffundida entre as mais infimas classes da sociedade; que ensina o operario, o lavrador, etc., a conhecer os seus verdadeiros interesses e prepara as gerações para um futuro de bem-estar material que só o progresso intellectual pôde dar.

Em referencia ao Brasil confirma-se este axioma em toda a sua plenitude...

Da falta quasi absoluta de instrucção da grande massa da população resulta pela maior parte o atraso em que ainda nos achamos.

Se exceptuamos as capitães das provincias e uma ou outra cidade mais importante, a instrucção popular é nulla.

A intelligencia do nosso povo é como a terra que habita; virgem e fertil, só espera pela semente para produzir; precisa, porém, que o cultivador seja habil, afim da colheita ser proveitosa.

Os seus instinctos são bons; eduquem-o, dê-m-lhe alimento intellectual e elle em pouco tempo terá chegado ao nivel das nações mais civilizadas.

O primeiro passo a dar para conseguir esse desideratum é acabar com a escravatura.

E' preciso que todos tenham interesse no adiantamento futuro do paiz.

E' necessario destruir o ponto de contacto que ha entre a população livre e a escrava.

O escravo, destinado a viver e morrer atado ao jugo,

sem direito de pensar, sem laços de familia ou amor patrio considera a vida como um fardo pezado que carrega em proveito do senhor; não tem crenças nem aspirações no futuro, e apenas espera na morte como um termo aos soffrimentos. Quanto mais embrutecida tiver a intelligencia mais feliz será.

Que importa ao escravo que as idéas proguidam, que os conhecimentos uteis se propaguem que d'ahi resulte o bem estar, se não é por si nem para seus descendentes.

Este raciocinio que elle não exprime, mas que se descobre instinctivamente no fundo de todas as suas acções, acaba por contaminar a parte mais numerosa e menos illustrada da sociedade livre.

Desse pensamento criminoso provém a indifferença com que olhamos para o porvir, com que procuramos ou acolhemos os melhoramentos aconselhados pela experiencia, e em resultado a dependencia em que nos achamos, dependencia tanto mais vergonhosa que se estende aos generos alimentares de primeira necessidade, e até aos productos do solo!

A influencia do escravo sobre os costumes da população com que se acha confundido, é agora, mais que nunca, prejudicial; porque a marcha progressiva das idéas civilisadoras, destruindo o prejuizo que fazia considerar o escravo como um ente excepcional destinado ao trabalho e com o qual não podia haver outro contacto, senão o que existe entre o obreiro e os instrumentos de que se serve, aproximou-o insensivelmente do resto da sociedade; com a qual se acha em continuas relações, infiltrando-a de seus vícios e ruins paixões, adormecidas pelo rigor, mas sempre promptas a despertar com violencia.

O dia em que o Brasil abolir a escravatura, terá dado o passo definitivo para entrar na senda do progresso; e o resultado será o desenvolvimento intellectual e material, a que até hoje debalde tem procurado attingir.

Mas, hoje para que a emancipação dos escravos produza os resultados benéficos que della se devem esperar, é preciso que seja antecipada por medidas preparatorias; é preciso que essa multidão de individuos, liberta de um momento para outro, se não desvaire; é preciso que esses milhares de braços sejam aproveitados a bem das necessidades do paiz que os agasalha, e para quem dessa data em diante devem ser um elemento poderoso de prosperidade.

A. P—a.

POESIAS.

ILLM. SRÁ. D. MARIA CORREA DA ROCHA VEIGA, PELO
INFAUSTO PASSAMENTO DO SEU ESTIMAVEL ESPOSO,
LUIZ PEDRO VEIGA, NO DIA 1º DE SETEMBRO.

Muda a voz, cedo ao soluço,
O seu poder eloquente;
Quanta dôr o peito sente.
Exprime o labio convulso!
Curvada a fronte abatida,
Para o chão triste pendida,
Cede da magoa ao impulso!!

Dobra-se o fragil joelho,
Sobre a lage do sepulchro;
Esse pesado envolvero,
Que serve a alma de espelho!
A dôr ao acto preside,
No palacio em que reside,
Da morte o grande conselho!

Parece que o pranto falla
Em cada gota que cahe;
Do peito que solta um ai,
Parece que a fibra estala!...
A vista turbada vaga,
A dôr a razão esmaga,
Quando o nosso peito cala.

Eis como resiste quem
No mundo perdido e só,
Cebrindo o corpo de dô,
Cobre sua alma tambem.
O rosto as dôres traduz,
Quem lhe fala reproduz,
O pranto que sempre tem.
Por isso... tarde... aqui venho,
Dizer-vos meu sentimento!
Sei dar valor ao tormento
Que a mesma dôr tambem tenho...
Cumprir um dever sagrado,
Limpar o rosto banhado,
Eis, Senhora, o meu empenho.

Rio, 24 de Setembro de 1862.

H. H. COUTINHO.

O PRISIONEIRO.

Como é bello de gozar-se,
Como é bello apreciar-se
O ar fresco da manhã!
Nascer a aurora brilhante
Em seu carro triumphante,
Bella sempre, e mui louça.

Outr'ora eu era feliz;
Do campo o verde matiz
Eu sabia apreciar.
Tinha meu vergel com flores,
Tinha meus santos amores,
Vivia só para amar!...

Via o sol no horizonte
Surgindo por trás do monte
A lua ao dia trazer;
E as sabiás feiticeiras,
Trinando notas fagueiras
Que o pranto fazem verter!

Via á tarde o mar irado
Pelos ventos agitado
Nas rochas as ondas quebrar;
E o batel co'a cheia vela
Fugindo então da procella
Na praia vir aportar,

Via o sol, quando cansado
De muito já ter andado,
No poente se esconder;
E da lua luminosa,
Tão bella quanto formosa
Os raios apparecer.

Cuidava nos meus amores
No meu futuro de flores
Que a vida me promettia!..
Escutava o juramento
Que á face do firmamento
A minha bella fasia!

Hoje, preso e abandonado,
Pelos homens desprezado,
Desejo a vida acabar!
Não mais tenho meus amores
Nem mais meu vergel com flores
A vida me faz amar.

Rio, 25 de Setembro.

RIVERA.

RECORDAÇÃO.

Longe te envio... fallai por mim
Poesia de amor e de lembrança.

DO AUTOR.

A noite era bella e o manto da lua
Cobria pomposo da terra os pomares;
E eu acordado na praia chorando
Na Bahia fallava, pensando nos mores.

Olhava mui triste da beira na praia
As ondas tão bravas barulho fazer,
Quando vi de repente correr á meu lado
Mathilde formosa com tanto prazer!

Chegou junto á mim tão meiga, tão bella!
Um sorriso divino de amor e paixão
Imprimio no meu peito, com tanta doçura
Que senti palpitar o meu coração.

Seus olhos brilhantes em mim se fitaram,
Seu peito de virgem no meu encostava;
Seus braços mimosos meu peito enlaçando
Contente e risonha canções murmurava.

A voz de um anjo do céu eu ouvia,
Tinir tão suave nos tympanos meus,
Fiquei encantado de tanta alegria
Que olhava com fé dizendo: — meu Deus!

Sentei-me bem junto da deusa Mathilde;
E ella cravou-me com tanto fervor
Sem medo e sem pena do meu coração,
Uma seta fiel de um puro amor.

Senti uma dôr que nunca sentira,
No peito constante que lhe offertava;
Senti os meus olhos fechar-se de somno;
Cahir no seu collo sómente faltava.

Um somno sereno em mim occultou-se;
Um sonho amoroso meu peito abrangea;
Acordei assustado! estava deitado
No collo da virgem, e quasi era dia.

Estava mui fria, porém acordada,
Velava sómente o seu terno amante;
Meu Deus! que paixão! que doce harmonia
Mathilde mostrava no terno semblante!

Abrio os seus labios de puros encantos
E disse chorando abraçada commigo:
Adeus meu amor, por tí morrerei;
E's tú minha vida, feliz sou contigo.

Chorei! senti dôr! tomei suas mãos
Apertei-as com força no meu coração,
Meu peito, meu cerebro, meu todo soffria
De dôr, de saudade, de terna paixão.

Soltei as mãosinhas da virgem do céu;
Com fé eu lhe disse de um trovador:
E's minha Mathilde, te juro por Deus,
Que na terra e no céu teremos amor.

POR A. R. BESOUCHEV.

RATICES DA SEMANA

Rio, 4 de Outubro de 1862.

Sr. redactor do *Rabugento*,

Entre as innumeradas pragas que flagellam a triste humanidade, existe uma, que só por si, equivale a todas as outras.

Lendo este periodo, estou certo que o meu amigo redactor começa a dar tractos á imaginação para saber qual a praga de que fallo.

Debalde se causa, se eu lhe não disser o que é, fica em jejum. Imagine o que pôde haver de mais horrivel e assim mesmo estará longe de acertar.

E' peor do que os tocadores ambulantes e do que as baratas e mendigos que nos atropellam nas ruas, e descompoem quando lhe não damos esmola; peor do que um tocador de clarineta, do que um filante de charutos, do que um actor passando beneficio, do que a opera nacional, do que um chronista sem espirito, e até peor do que mulher velha ciumenta!

Não adivinha? Pois é... é um compadre.

Admira-se? Ah! vai a prova.

Hoje ás nove horas da manhã, hora em que costumo começar o segundo somno, acordei ao som vibrante da campainha, e de uma voz esgançada, que gritava na porta do quarto: Oh nhonhô! nhonhô Felisberto! abra depressa. Levanto-me espantado (felizmente costumo dormir de camisa de meia e calças de enfiar), e corro, julgando que pegava fogo na casa,

ou que a cachorrinha da vizinha (entre parentheses, eu tenho uma vizinha, que por seu turno tem uma cachorrinha) morria de convulsões.

Abro a porta, e dou... Adivinha com quem?... Com o moleque do meu compadre Tinoco, o qual me entrega uma carta, um papagaio e um embrulho, e parte de carreira sem escutar o que lhe digo.

Fecho a porta e começo a ler o bilhete. Apenas cheguei ao meio, dei um pulo como se tivesse visto um fantasma ou se me tivessem pedido dinheiro emprestado, que são as duas unicas cousas que me assustam.

Eis o que continha o maldito bilhete:

« Compadre e amigo.

«Atacado de um terrivel spleen, estou decidido a seguir o remedio aconselhado por todos os medicos, passados, presentes e futuros, de todas as faculdades conhecidas, sem exceptuar a de Schang Cui (na China) o Typ-Bú (no Japão) como o unico capaz de evitar o suicidio, que quasi sempre é o desfecho desta fatal molestia; desfecho agradável e de muito effeito nos romances e comedias, mas que na realidade da vida, tem seu tanto ou quanto de estúpido.

«Vou, pois, fazer uma viagem á roda do globo, e confiado na sua amizade, importunoo-o enviando-lhe o meu papagaio, que espero tratará com toda a delicadeza, e encarregando-o de escrever em meu lugar as *Ratices da semana*, para o *Rabugento*.

« Adeus.

« Seu compadre,

« Tinoco. »

« N. B. Envio-lhe uma espiga de milho para o papagaio e papel em branco para a revista. Escreva-me para Valença. »

Por mais de um quarto de hora permaneci

« ...mudo e quêdo.

« E junto de um penedo outro penedo. »

e ainda a esta hora assim estaria se o amavel bichinho do meu compadre me não despertasse com uma tremenda bicada em um dedo. Quasi commetto um papagacidio!

Mandeio ao diabo o compadre, o papagaio, o *Rabugento*, e creio mesmo que os leitores das *Ratices* (do que peço humilde desculpa), e puz-me a scismar de que maneira havia de dar conta da incumbencia. Quando ia perdendo a esperanza de encontrar um expediente, começa o papagaio a cantar o seguinte:

« Viva Garibaldi

Papa macarroni.

Viva Garibaldi

Rei de lazzaroni. »

Dá cá o pé. Currupá, pá, pá.

Esta voz fanhosa parecia-me um coro de anjos!.. Tive uma idéa... estava salvo!..

Abençoad compadre que me mandas-te o papagaio.

Elle arremedava esses pequenos carcarnanos que nos atordoam os ouvidos. Não somos nada neste mundo, disse comigo; um bicho patrador suggerir idéas a um homem de talento como eu sou (seja dito sem modestia)! Dito e feito; sentei-me á uma mesa, colloquei as tiras de papel diante de mim, li as folhas diarias da semana, e... fiz o que muitos têm feito antes e o que outros farão depois de mim, tornei-me gralha decorada com pennas de pavão. Sem seguir ordem chronologica ahí vão as *Ratices* que encontro e cáta a responsabilidade sobre o compadre Tinoco, que me metteu em camisas de onze varas.

Começo pelo espectáculo dado por Arthur Napoleão á beneficio dos Asylos da Infancia Desvalida de Portugal. O publico fluminense correspondeu com entusiasmo ao generoso convite do joven pianista. O theatro esteve literalmente cheio. Arthur Napoleão excedeu-se; o seu reconhecido talento, inspirado nesse dia pelo genio da caridade, fez maravilhas. A companhia do Athenèo, a quem coube a parte dramatica do espectáculo, houve-se como de costume, isto é, bem. Achava-se deslocada e por isso não agradou tanto quanto costuma quando representa em S. Januario. Fez-me recordar o antigo rifão

« Não dansar senão ao pé da papeleira. »

A caridade é a primeira das virtudes christãs, o beneficio que se faz ao proximo tem em si mesmo a recompensa. Ainda que seja pago com a ingratitude, fica a satisfação intima no coração generoso, quando alluvia algum soffrimento.

A caridade não é esteril, e um bello exemplo de reconhecimento é sem duvida o que deram os alumnos do Instituto dos Meninos Cegos no dia 29 do corrente, anniversario natalicio do seu director.

Essas pobres crianças, em quem a vista da alma supprime a do corpo, computaram para festejar esse dia uma comedia ornada de musica e com o titulo — *Os festejos da primavera* — e com a qual causaram uma agradável surpresa á seu benefactor.

Publicou-se o segundo volume do — *Panorama do Rio de Janeiro* — pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo, obra de muito valor para quem quizer conhecer a historia dos principaes edificios da capital do imperio.

E' com livros como este, ameno e instructivo, que se diffunde entre o povo o gosto pela leitura e o desejo de instrucção. Oxalá que não fossem tão raros!

Hoje que a hydra reaccionaria suffocada pelo espirito progressista do seculo, procura debalte, levantar o collo, devem-se registrar com prazer todos os factos, que directa ou indirectamente possuão com correr para o enraizamento das idéas liberaes. Neste caso está o consorcio do joven rei de Portugal com a filha de Victor Emmanuel. Esta união apertando os laços que unem as duas nações constitucionaes, é um golpe fatal para aquelles que contavam talvez com Portugal para o triumpho dos principios retrogrados.

Os portuguezes e italianos residentes no Rio de Janeiro não podiam deixar de acolher com jubilo esse faustoso acontecimento. Reunindo-se os presidentes das Sociedades portuguezas, com alguns italianos distinctos, resolveram nomear uma commissão mista encarregada de dirigir os festejos que pretendem fazer por essa occasião.

A proposito dos membros portuguezes já eleitos para essa commissão tenho ouvido alguns reparos que me levam a crer que não houve o necessario discernimento na escolha.

A companhia do Athenêo acaba de perder dous actores de talento. Um é o Sr. Cardoso, que se retira para fóra a tratar de sua saude, e cuja falta será sobremaneira sentida apesar do que dizem certos *difficéis*; o outro é o Sr. Montinho, que, diz o annuncio, vai ser empregado no *Futuro*. Parodiando as palavras com que o Sr. Xavier de Novais fecha um artigo que escreveu no primeiro numero daquelle jornal, desejo ao Sr. Montinho que — desse *Futuro* com — F — grande lhe resulte um grande futuro, com — f — pequeno.

A época é de azar para as companhias dramaticas. Da do theatro de S. Pedro desligou-se igualmente um actor. Obrou com prudencia, porque, depois que appareceu o Sharp do Circo Grande Oceano o genero baixou.

No domingo foi á scena no Gymnasio o drama *Lusbelia*, original do Sr. Dr. Macedo. O nome do seu illustre autor mereceu tanta consideração, e são tão falliveis as impressões de uma primeira representação, que nada direi sobre o seu merecimento e desempenho, guardando para mais tarde apreciar a justiça dos prós e contras que por ali correm a respeito do drama.

Por fallar em theatros, vou apresentar algumas duvidas que á certo tempo a esta parte me tem tirado o somno. Preencherá o Lyceo Dramatico o fim a que se propõe? Todos os matriculados em suas aulas estarão no caso de comprehender o que lhes ensinam? Não seriam necessarios alguns preparatorios? Pode-se vir a ser bom actor sem saber fallar? Vou mandar estas perguntas ao compadre Tinoco, que entende da materia.

A companhia do Circo Grande Oceano retirou-se levando o seu indispensavel secretario, o Sr. W. T. B. Van Orden Junior, autor desses maravilhosos annuncios e programmas de espectáculo, que por mais de um mez fizeram as delicias do publico desta boa cidade.

Felizmente, para os amanteticos do genero, ficaram imitadores e entre elles o mais distincto e sem duvida o Sr. Chahomme, que na segunda feira 29, anniversario da sua feliz chegada ao Brasil, offereceu um espectáculo ao illustrado publico, pagante, já se sabe, E' bem lembrada. Foi dia de cortejo em Jerusalem.

A proposito de puffs.

A direcção do Gymnasio agradeceu ao respeitavel publico os applausos *delirantes* que lhe dispensou por occasião das duas primeiras representações da *Lusbelia*, e annunciou que muitos cavalheiros se tinham dignado transpor os umbraes do sanctuario dos bastidores. Seria para applaudir de mais perto?

Não é com vinagre que se apanha moscas.

Dizem que os francezes são levianos por excellencia; cá e lá más fadas ha.

No domingo...

« Não sei de nojo como o conte »

tocou no Passeio Publico a musica do 1º batalhão de infantaria, com grande escandalo dos verdadeiros grutes, sem respeito pelas cinzas ainda quentes do admiavel pante-vanca, nem consideração á immensa dor em que se achava mergulhada o seu inconsolavel e fiel esposo. E' a corte de todas as grandezas deste mundo; enquanto presentes, respeito e veneração; depois de passadas, escarneo ou esquecimento.

« Todos os meios são bons para conseguir o fim. » Os seguidores desta maxima são quasi sempre forçados a praticar grandes inconveniencias.

Com o fim bem claro de hostilizar a illustrissima camara municipal, aventou-se ha dias pela imprensa uma questão em que foi o'lvido o nome do finado Sr. Paula Brito. Senti profundamente que a memoria do illustre patriota, que só devia merecer consideração e saudosa lembrança e seus concidadãos, fosse arrastada para uma questão pequenina, a pretexto de defender interesses de herdeiros, que foram os praticos a desaprovejar esse acto. Não pretendo defender a camara, que se o caso se den como contam, deve fazer penitencia, o que eu não queria era que para aggreddi-la se revolvessem as cinzas dos mortos.

Por esta serie de consequencias mais ou menos logicas tenho chegado ao resultado de que a presente camara municipal desta muito heroica cidade de S. Sebastião é a camara mais sãda que se poderia desejar.

Eis o caso: — Dizem os más linguas que os artigos pró e contra os actos da illustrissima, que apparecem todos os dias nas folhas diarias, são da lavra dos proprios verdadeiros ou de seus acolytos; ora como todos esses artigos vêm sempre firmados com o nome de um grande sabio ou legislador, como seja Solon, Licurgo, Confucio, Catão, etc., damos os embraes aos felizes habitantes deste feliz municipio, para quem de certo vai começar a idade de ouro, salvo se detrás de todos estes nomes se esconde o boné agalado de algum illustre guarda fiscal.

Sr. redactor, acabou-se o papel que o compadre Tinoco me mandou, e por isso faço pé nas noticias; se os leitores não ficarem satisfeitos diga-lhes que se as quizerem melhor, fabriquem as á sua vontade.

O COMPADRE DO TINOCO.

Typ. do DIARIO DO RIO, rua do Rosário, n. 84.